



Primavera 1996

# DOURO 1

ESTUDOS & DOCUMENTOS

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**DIRECÇÃO:**

Fernando Bianchi de Aguiar (Presidente do Instituto do Vinho do Porto)

Alberto Amaral (Reitor da Universidade do Porto)

José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

**COORDENADOR:**

Gaspar Martins Pereira (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/FLUP)

**CONSELHO DE REDACÇÃO:**

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Arlete Mendes Faia (Depart. de Indústrias Agro-alimentares/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)

Conceição Andrade Martins (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Fernando Bianchi de Aguiar (Instituto do Vinho do Porto/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Francisco Ribeiro da Silva (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

François Guichard (CNRS/Universidade de Bordéus III/Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia)

Henrique David (História Contemporânea/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia - Berkeley)

João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Luis Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Norman Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)

Nuno Pizarro de Magalhães (Depart. de Fitotecnia e Eng. Rural/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)

Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra)

**SECRETARIADO:**

Natália Favrelle Costa, Paula Montes Leal

**PROPRIEDADE:**

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**EDIÇÃO:**

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto ■ Apartado 1559 ■ 4150 PORTO Codex – PORTUGAL

Telefone e fax.: (02) 6077156

**Fotografia da capa:** Vindimas na Quinta da Soalheira. Fotografia de Alvão, ca. 1940 (Col. IVP)

**Composição:** Edições Afrontamento

**Impressão e Acabamento:** Rainho & Neves

**Tiragem:** 1200 exemplares

**Depósito Legal:** 98629/96

**ISSN:** 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

# SUMÁRIO

## Editorial 7

O GEHVID, um projecto, uma equipa 9

## Estudos 17

A comarca de Ribacôa no Tratado de Alcañices  
José Ignacio de la Torre Rodriguez 17

O Comércio de vinhos do Douro com o Brasil ao longo do século XVIII  
Francisco Ribeiro da Silva ■ António M. de Barros Cardoso 29

O alvará de instituição da companhia e os motins do Porto de 1757  
António M. de Barros Cardoso 57

Nas origens da casa do Douro  
Vital Moreira 79

A produção de famílias – o comércio na história  
Jean Lave ■ Paul Duguid 97

A Região na aldeia – uma etnografia sobre a produção local  
de regionalidade, no Alto Douro  
Shawn Parkhurst 121

A região do vinho do Porto. Origem e evolução  
de uma demarcação pioneira  
Gaspar Martins Pereira 179

## Documentos 199

Um manuscrito inédito sobre o Douro Superior em finais do século XVIII  
Aurélio de Oliveira (Introdução e notas) ■ Natália Fauvrelle Costa (Transcrição) 199

## Relatórios e notas de pesquisa 263

A estação arqueológica da Quinta da Ervamoira – Muxagata, V. N. de Foz Côa  
Gonçalves Guimarães 263

Alguns apontamentos sobre a estação arqueológica  
de Vilarinho de Cotas – Alijó  
Carlos Alberto Brochado de Almeida 266

Sepulturas cavadas na rocha: conjunto da Quinta da Relva de Baixo  
(Longroiva – Meda)  
João M. Viana Antunes / Pedro Baêre 270

Organização do povoamento e dos territórios no Vale do Douro durante a  
Idade Média – continuidades e rupturas  
Equipa de Arqueologia Medieval 276

## Notícias 291

## Agenda 297

## A estação arqueológica da Quinta da Ervamoira – Muxagata, Vila Nova de Foz Côa

Em finais de 1984, quando estava a ser estudada a implantação da vinha num terreno desta quinta, foi descoberto um sarcófago de pedra com aspecto muito antigo. Para o seu estudo os proprietários contactaram os arqueólogos Gonçalves Guimarães e Maria da Graça Peixoto, do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, que o dataram da Idade Média Plena (séc. XI-XIII), tendo concluído que este achado não podia estar ali isolado, mas sim integrado numa estrutura que o justificasse. No ano seguinte iniciaram escavações naquela colina sobranceira ao rio Côa, vindo a descobrir uma estação arqueológica medieval com edifícios de habitação e oficina de ferreiro datável do século XIII, mas igualmente alguma cerâmica tardoromana e altimediévia que indiciava a existência de ocupação mais antiga.

Desde então as escavações têm prosseguido todos os anos nos meses de Julho e Agosto, tendo as diversas equipas que por ali passam, dirigidas por aque-



Aspecto de uma campanha arqueológica na Quinta da Ervamoira (Santa Maria).

les arqueólogos, posto a descoberto o edifício romano de uma *mutatio* anterior ao século IV, um outro edifício romano deste mesmo século, uma possível basílica paleocristã do século V ou VI e diversos edifícios medievais, estando o estudo total desta estação longe de estar concluído, não só porque todas as estruturas ainda não estão escavadas, como o numeroso espólio exumado requer demorados e pacientes estudos laboratoriais.

No entanto, algumas conclusões deste estudo podem já ser tiradas. Tudo leva a crer que se trata efectivamente de uma estação de muda, situada em lugar estratégico para controle, na passagem a vau do rio Côa, da estrada que de Loncobriga (hoje Longroiva) seguia para Caliábria, na margem do rio Douro. Assim se justificaria igualmente a existência de uma grande diversidade da cerâmica aqui existente, muita dela de longínquas proveniências. O facto de a quinta ser um dos poucos terrenos planos de grande dimensão existente neste vale, e mesmo no Douro Superior, permitia o acampamento de soldados romanos em trânsito e destinados ao controlo das minas de prata e chumbo existentes nas margens do Côa. Recordemos que esta passagem a vau durante o Inverno e a Primavera estaria frequentemente impraticável devido às cheias súbitas. Aqui poderia igualmente localizar-se um porto fluvial que levasse os barcos e o respectivo carregamento até ao Douro.

Provavelmente esta primeira *mutatio* foi abandonada ou destruída, tendo sido construída uma outra mais pequena no século IV, que sofreu sorte idêntica. No



Aspecto de uma campanha arqueológica na Quinta da Ervamoira (Santa Maria).

século V ou VI, terá sido aqui construída uma basílica paleocristã cujas telhas eram muito decoradas e entre as quais apareceu um *chrismon*, marca inconfundível do cristianismo em difusão pelo que restava do império romano. No espaço interior deste edifício apareceu uma mandíbula humana, o que poderá significar o culto de relíquias, pois não se trata de uma área sepulcral devido ao facto de estar construído em cima do xisto. Esta basílica rural poderá ter sido destruída pelas invasões árabes do início do século VIII. É provável que, perdida a importância viária do período romano, a *mutatio* se tenha transformado num *vicus* ocupado pela família de algum legionário veterano: assim se justificaria o aparecimento de cossoiros e pesos de tear, objectos domésticos indicadores de alguma sedentarização. Mas a destruição de parte dos edifícios anteriores para construir outros por cima leva a crer que a ocupação deste local não foi contínua e teve sempre a ver com a importância estratégica atribuída a esta passagem ou às possibilidades de agricultura no nateiro de aluvião na margem do rio, onde ainda hoje existem oliveiras mult centenárias.

No século XIII volta a haver uma efectiva ocupação deste lugar, talvez conjugada com o facto do rio Côa ser então a fronteira entre os reinos de Portugal e de Leão.

Poderá ser desta época o sarcófago de granito encontrado em 1984 que deveria estar junto de um eremitério ou capela sob a invocação de Santa Maria, do qual ainda hoje restam vestígios perto de uma nascente que nunca seca, junto do caminho que conduzia às construções já referidas.

Com o tratado de Alcañices de 1297, que coloca a fronteira na ribeira de Aguiar, este lugar volta a perder importância e entra no esquecimento que a vegetação espontânea foi cobrindo, até que a arqueologia o trouxe de novo ao nosso conhecimento. Sabemos agora de fonte segura que a Quinta da Ervamoira foi habitada desde há quase dois mil anos.

Gonçalves Guimarães

(Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia  
Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)